



CÔA VISA O

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011



EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011

Trabalho coordenado por
JOSÉ MANUEL COSTA RIBEIRO
ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

Foto da capa:
Foz do Rio Côa de José Ribeiro

Composição e impressão:
Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. – V. N. de Foz Côa
Depósito Legal n.º 121116/98
ISBN 978-972-8763-23-7

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2011

Índice

Prefácio	5
Introdução.....	7
Um olhar sobre o Vale do Côa	9
A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo)	15
Hacia la etapa de esplendor de Foz Côa	21
O valor de uso turístico do Património Arqueológico: arqueologia, turismo e sustentabilidade no Vale do Côa	25
Aspectos etnográficos da cultura tradicional da amêndoa no Douro Superior.....	35
O cortejo alegórico/etnográfico, como factor de socialização e de dinamização do tecido social	47
Prémio Fundação Ilídio Pinho “Ciência na Escola” Esc. Secundária Tenente Coronel Adão Carrapatoso V. N. Foz Côa em destaque ...	53
Arquivo de memória do Vale do Côa	57
Sentimentos – momentos vários	69
O princípio do fim dos comboios na nossa região	73
O encanto das amendoeiras em flor.....	77
Ao correr da pena – memórias e sonhos literários	81
Um sonho interrompido e alguns rudimentos de literatura ibérica.....	83
A tecnologia têxtil	85

A construção do caminho-de-ferro e a polémica acerca da localização das estações na última secção: no Côa e na Olga, ou apenas nas Pariças?	109
A républica vista de longe	119
Projecto de criação de núcleos museológicos e/ou centros de interpretação nas áreas dos concelhos de Mêda e V. N. de Foz Côa	127
Trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento – intervenção de 2010	149

A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA*
MÁRIO REIS*

Respondendo a um pedido recente de colaboração por parte do Parque Natural do Douro Internacional (PNDI)¹ ao Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), no sentido de se fazer uma avaliação do potencial arqueológico em particular na margem esquerda do Águeda, foram já aqui efectuadas algumas pesquisas preliminares.

Num primeiro momento, estas abrangeram apenas o troço final do vale do rio Águeda e o planalto adjacente e permitiram desde logo a identificação de uma nova rocha com arte paleolítica de ar livre na margem esquerda deste afluente do Douro.

A descoberta foi feita por Mário Reis, no dia 11 de Março de 2011. Após uma visita preliminar ao terreno, no mês de Fevereiro, verificou-se que existia uma encosta com grande quantidade de afloramentos na margem esquerda do Águeda, entre duas grandes propriedades agrícolas (Quinta da Fronteira e Quinta do Chegão). Esta área corresponde, aliás, à única zona não agricultada entre a foz do Águeda e o início dos terrenos graníticos, no final da Quinta do Chegão, e a única zona onde se encontram afloramentos xistosos em abundância, com disposição e superfícies similares aos típicos afloramentos historiados no vale do Côa, nomeadamente nas suas superfícies de fractura em disposição vertical.

A rocha decorada situa-se a meia encosta, à altitude absoluta de 240 metros, na margem esquerda de uma estreita e discreta linha de escorrência de águas, que se inicia no topo da encosta

à cota aproximada de 400 metros, juntando-se em baixo a uma outra linha de escorrência, que lhe corre paralelamente à sua esquerda (jusante), antes de entrar no Águeda à cota de 130 metros.

Administrativamente, o local situa-se na freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Está assim na margem portuguesa do Águeda, que nesta zona serve de fronteira natural com Espanha. As coordenadas, obtidas por GPS, são M – 301770 ; P – 448670 (coordenadas Gauss, datum Lisboa), ou Latitude 41° 00' 02,8''; Longitude -6° 55' 24,7'' (coordenadas geográficas, datum WGS 84).

A encosta apresenta, como se disse, uma grande quantidade de afloramentos xistosos, muitos dos quais de grandes dimensões, com amplas e bem visíveis superfícies verticais ou subverticais. Foi feita uma prospecção geral de toda a sua área, desde o topo da encosta até à margem do rio, em duas fases: a primeira no dia da descoberta, e a segunda no dia 31 de Março, em companhia de Dalila Correia, do PAVC. Embora não tenha sido possível ver individualmente todos os afloramentos, quer a amplitude da prospecção realizada, quer as características físicas do local e dos seus afloramentos, consideramos que a área estará razoavelmente bem prospectada. Note-se que embora o Águeda esteja ainda sujeito à influência da barragem do Pocinho, o alteamento das águas não atinge já a área subjacente a esta encosta. A rocha não está longe da foz do Águeda, junto ao arranque do maior encaixe do vale. Da foz da linha de escorrência de água até à foz do Águeda, em medição efectuada pelo leito do rio, são 3300 metros, aproximadamente.

* Parque Arqueológico do Vale do Côa.

¹ Agradecemos à Dr.^a Alexandra Lima e ao PNDI, quer o seu renovado empenho nesta colaboração, quer as facilidades concedidas à equipa de campo do PAVC.

Entretanto, numa outra prospecção conduzida em simultâneo, com vista à identificação de outros elementos da ocupação humana pré-histórica do vale do Águeda, foram identificados dois sítios com testemunhos possíveis do Paleolítico, ambos perto da rocha gravada. Estes dois locais foram identificados por Jorge Sampaio, do PAVC, no mesmo dia em que foi detectada a rocha de Redor do Porco.

O primeiro, numa pequena praia do Águeda denominada de Vau, localiza-se a cerca de 1000 metros para montante da foz da linha de água de Redor do Porco. Uma prospecção sumária revelou aqui a presença de um conjunto artefactual constituído por pedra lascada (essencialmente núcleos em quartzito). A uma cota mais elevada, cerca de 550 metros, perto da orla do planalto que se soergue a Sudoeste do Vau, identificou-se um outro sítio, denominado Oldesaia, de cujo conjunto artefactual fazem parte núcleos e lascas em quartzito e quartzo. Em linha recta, este sítio é aproximadamente equidistante da rocha gravada e do sítio do Vau, a aproximadamente 2.300 metros de distância. Em ambos os casos, trata-se de sítios cujos vestígios observados à superfície não proporcionam um diagnóstico cronológico preciso, mas onde a componente ceramológica, num eventual cenário contextual para a Pré-História recente, está ausente.

Apesar de ainda não se poder estabelecer um referencial de ocupação humana para o painel gravado em Redor do Porco, os vestígios que resultaram desta prospecção sumária comprovam (como, de resto, era previsível) a existência de uma ocupação no vale possivelmente compatível com a cronologia daquela gravura.

A única figura gravada agora identificada em Redor do Porco está num grande afloramento de xisto, com uma superfície de fractura vertical orientada a Sudeste, voltada à linha de escorrência de água, da qual dista cerca de 25 metros, e estando perpendicular ao Águeda. O painel tem cerca de 4,6 metros de largura por 3,8 metros de altura. A gravura foi insculpida no sector superior direito, com a sua parte inferior a cerca de dois metros de altura do solo actual.

Trata-se de uma grande figura de auroque, com aproximadamente 1,80 metros de largura máxima. Foi integralmente gravada por picotagem não muito aprofundada. Apenas na zona da queixada se nota ainda a existência de ténues traços incisos na periferia do traço picotado, restos prováveis de uma prévia incisão da figura antes da sua picotagem. O corpo do animal está completo, mas a cabeça está afectada por algumas fracturas, que não impedem, no entanto, uma boa leitura da representação.

A análise estilística e tecno-morfológica desta figura de auroque permite a sua clara inserção no período antigo da arte do Côa, Gravetto-Solutrense, com uma cronologia aproximada entre os 25.000 e os 20.000 anos BP [cf. Aubry (coord.), 2009; e Baptista, 2011]. É interessante observar a sua implantação a uma escala regional, já que se localiza próximo do Vale do Côa, distando em linha recta c. de 15.500 m do complexo da Penascosa/Quinta da Barca. E aparentemente poderá ser um dos elos de ligação entre o Vale do Côa e o sítio de Siega Verde durante o período Gravettense, de onde dista c. de 40 quilómetros.

A estilística da figura segue assim os modelos padronizados e bem conhecidos no Vale do Côa, com um corpo muito alongado e pesado, um ventre bem acentuado e uma só e curta perna por par. A cabeça tem a clássica forma subrectangular, com os dois traços paralelos estilizando a boca e a narina. Os cornos pouco desenvolvidos, mas também em parte desaparecidos por fractura do suporte, foram figurados em perspectiva semitorcida frontal enquadrando uma bem desenvolvida linha semicircular que marca o alto da cabeça, no que é uma das mais claras características morfológicas deste tipo de motivos Gravettenses. Uma terceira linha acrescentada à perna anterior poderia ser uma tentativa de simulação do movimento, já que não nos parece uma simples emenda.

Esta gravura isolada, de grandes dimensões e muito alteada no painel, afirmando um claro sentido de visibilidade e de marcador territorial, parece-nos ser pois mais um importante

testemunho da expansão artística do período antigo do Côa, contribuindo para uma melhor identificação de uma territorialidade paleolítica, que pode afirmar-se começa cada vez mais a poder ser caracterizada como plenamente Gravettense.

O sítio de Redor do Porco junta-se assim aos outros já identificados em particular na bacia do Douro, como é o caso dos sítios do Vale do Sabor (Sampaio, Pousadouro, Fraga Escrevida e Ribeira da Sardinha), a rocha de Mazouco (mas aqui com uma morfologia bem diferenciada e mais atípica) e talvez também as pinturas da Fraga do Gato, ambas em Freixo de Espada à Cinta (cf. Baptista, 2009 e 2011). Para além do sítio de Siega Verde, também no Vale do Águeda, mas já em território espanhol, aqui se ligando em particular à sua fase antiga, também com predominância das figurações de auroques. E a que se deverá agora acrescentar também o recentemente identificado abrigo de Foz Tua, com gravuras e restos de pinturas, o sítio mais a Ocidente [conf. Teixeira e outros, 2011; e Baptista, 2011].

Ainda no Vale do Côa, a Faia (Cidadelhe, Pinhel), com auroques gravados e pintados a vermelho, merece um particular destaque, pois constitui um importante testemunho deste tipo arcaico de arte, estando já fora da zona de maior expansão das grafias do período antigo do Côa. E em ambiente granítico, no que se diferencia também dos restantes sítios, todos em xistos.

Mais para Sul, devem apontar-se também os dois sítios no Vale do Zêzere, de Poço do Caldeirão, em particular a sua rocha 2 (par de capríneos afrontados) e Costalta (ambos na Barroca, Fundão) e a gravura isolada de um equídeo perto da foz do Ocreza (Envendos, Mação), a única figura claramente paleolítica até agora conhecida no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (BAPTISTA, 2009: 208 ss.).

Uma recente reavaliação da arte parietal do Escoural permite agora também evidenciar nesta gruta a presença de alguns motivos de tipologia Gravettense, que ligarão também este importante sítio da nossa arte paleolítica a este horizonte artístico mais arcaico e melhor desenvolvido na arte de ar livre (Baptista, 2011).

Todos estes sítios de ar livre, sempre em ambiente fluvial, assinalam locais de implantação aparentemente muito bem seleccionados, quer pelo grau de visualização que procuram e evidenciam com a região e os horizontes envolventes, quer pelo carácter muito particular dos motivos tipológicos que ostentam. Com efeito, todos têm poucos motivos figurativos por sítio, alguns mesmo só um, o que lhes acentua ainda mais o carácter monotemático, como o Redor do Porco, a Ribeira da Sardinha e o painel do Ocreza. E aqui deve destacar-se a importância que crescentemente vem sendo concedida à representação do auroque, que parece ser cada vez mais a figura dominante (a par do cavalo), em particular nas figurações de grandes dimensões, como é o caso do Redor do Porco, de Sampaio ou da Fraga Escrevida. E estas figuras têm um evidente ar de família com os grandes auroques do período antigo do Côa, como os das rochas 15 e 17 da Canada do Inferno, da rocha 13 da Foz de Piscos ou o da rocha 17 da Quinta da Barca (Baptista, 2009), entre outros.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, Thierry (coord.) (2009): *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia, 52], 511 p.
- BAPTISTA, António Martinho (2009): *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento/PAVC, 253 p.
- BAPTISTA, António Martinho (2011): Do Escoural ao Vale do Côa. in “Escoural, uma Gruta Pré-histórica no Alentejo” (Silva, A.Carlos, coord.) (no prelo).
- TEIXEIRA, Joana, VALDEZ, J. e SANCHES, M.J. (2011): O Abrigo da Foz do rio Tua - Alijó (Trás-os-Montes). Identificação e estudo preliminar. *Resumos da I Mesa Redonda (Nov. 2010) Paradigmas & Metodologias de Registo* (Actas no prelo)

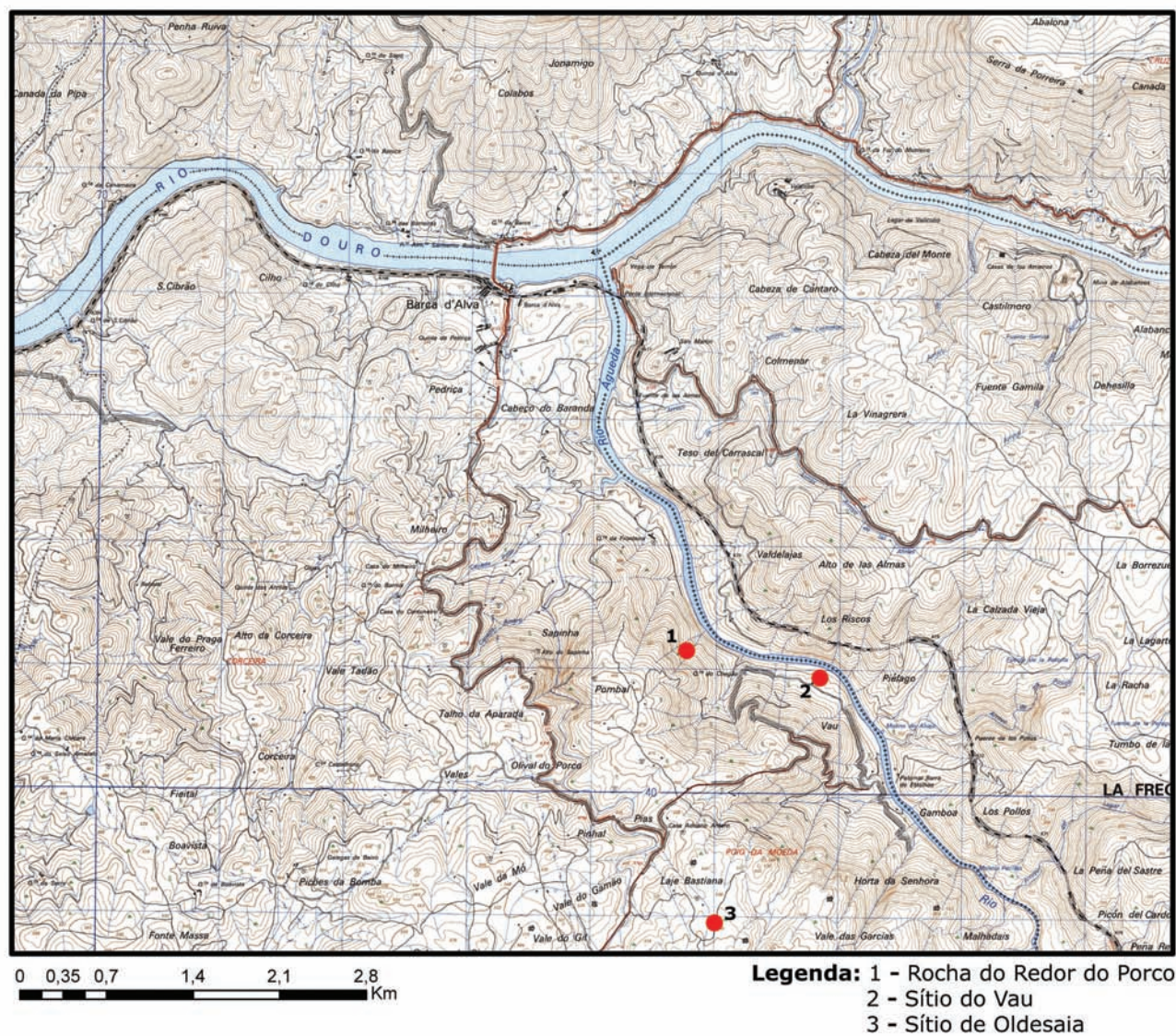


Figura 1 – Localização da rocha gravada e dos dois sítios pré-históricos referidos no texto (conjugação das cartas militares n.º 141 e 151 (em baixo, na qual se integram os três sítios)).



Figura 2 – *Localização da rocha na encosta sobre o Águeda.*



Figura 3 – *A grande figura de auroque, no sector superior direito do painel.*



Figura 4 – *Detalhe da cabeça do auroque.*

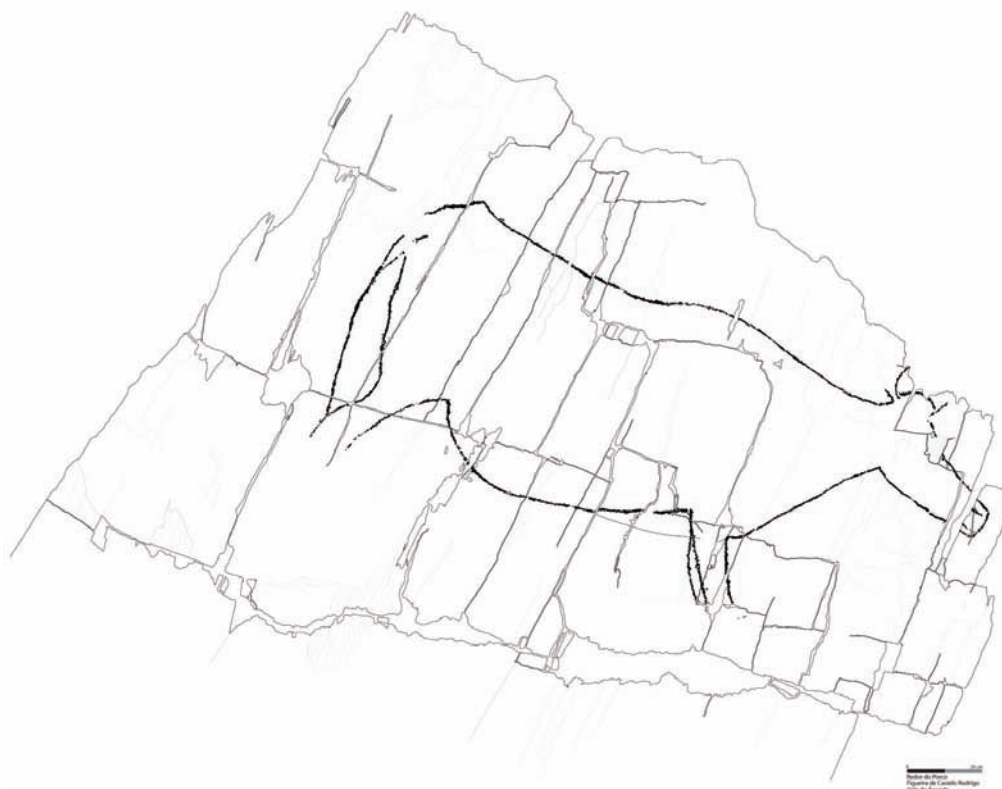


Figura 5 – *O auroque de Redor do Porco, na margem esquerda do Águeda.*